



Marinheiros inglezes visitando um idolo do districto d'Acra

A religião seguida pelos habitantes, de cor preta, da parte da Africa, denominada Costa do Ouro, divide-se em muitas seitas. Pela maior parte creem em um só Deus, ao qual attribuem a criação do mundo e de tudo o que n'elle existe; mas esta crença é obscura e mal concebida. Quando os interrogam a respeito de Deus, respondem que é preto e máo, e que se apraz em causar-lhes mil tormentos, enquanto que o dos europeus é muito bom e trata-os como seus filhos.

Os pretos da Costa do Ouro, todos os annos, em épocas determinadas, tem o uso de banir o diabo das suas vivendas, cerimonia que é feita do modo mais caricato.

Seria difficil dizer com exactidão quaes as suas idéas sobre a criação do genero humano. O maior numero crê que os homens foram creados por uma aranha chamada *anansio*. Os que creem Deus como unico Creador, sustentam que, na origem, creou brancos e pretos; que, depois de ter considerado a sua obra, presenteou, á sua escolha, estas duas especies de creaturas, dando ouro aos pretos, e aos brancos o conhecimento das artes; mas que irritado pela avareza dos pretos os fizera escravos dos brancos, sem esperança alguma de mudarem de condição.

É na Costa do Ouro, no districto d'Acra, onde as imagens e as estatuas têm as honras do culto; os outros habitantes, porém, têm os seus idolos, como o que representa a nossa gravura, a que chamam *feitico*.

Na sua linguagem *bossum* significa Deus ou coisa divina e muitos outros usam tambem do termo *bassefo*. Tudo o que serve a honrar a divindade toma o mesmo nome; de sorte que não é facil distinguir os idolos dos instrumentos do seu culto. Os brincos de ouro que usam como

ornamento, os adereços de coral e marfim, são outros tantos feiticos que elles suppõem fallar e ver, levando a crença a ponto tal, que, quando commettem alguma falta, escondem o feitico com receio de que os possa traír.

Muitos viajantes são concordes em affirmar que todos os seus objectos de veneração não têm uma fórma determinada.

São inumeraveis as superstições d'estes habitantes, bem como os seus usos os mais desordenados, impondo-se abstinencias que cumprem severamente.

Resumindo, diremos que, aos pretos, depois dos *feiticos*, nada lhes inspira mais respeito do que os trovões e relampagos, fechando se cuidadosamente nas suas cabanas, admirando-se muito por verem que aos europeus não lhes causa a menor inquietação; e se são surprehendidos em parte que não podem esconder-se, levantam os olhos ao céo, por saberem que é ali a morada do Deus dos brancos.

## FLORES E NINHOS

Dedico esta divagação ás senhoras. Escrevo ao correr da pena, e começo por valer-me de uma comparação que me occorre n'este momento.

Ha uma similhaça, e mesmo uma especie de sympathia natural, entre os ninhos e as flores. Dos ninhos nascem os novos fabricantes de ninhos, das flores hão-de nascer futuras flores. E a leitora notará que esta sympathia não é tão simples que não exceda estes breves limites, porém muito mais intima. Para nos esclarecermos a tal respeito, permitta-se-nos sem exemplo um

excurso com apparencias de scientifico, mas que nem por sonhos se altera aos assombros de qualquer tecnologia que possa perturbar a leitora, na clareza das suas idéas. Ha-de ser uma linguagem que se entenda, que é como é bonito.

Clara e concisa. V. Ex.<sup>a</sup> tem observado uma rosa centenares de vezes: se bem se lembra, ao centro da flor existe uma pequena urna, fechada de todos os lados, a que adhire pela parte inferior, o peciolo da rosa? É uma boceta alongada e de côr verde, que apresenta na parte superior uma especie de limbo coroadado de tenuissimos filetes, limbo d'entorno ao qual se agrupam os verticilios da rosa?

Lembra-se certissimamente; e não é talvez necessario dizer-lhe que a superficie da urna aonde adberem os faliolos da flor se chama *receptaculo*, e que o pé que a sustenta se chama *peciolo*, e que o verticilio esverdeado mais exterior de todos, composto de folhas muito recortados, se chama *calice*, assim como as suas peças se denominam *sepulas*; nem que o verticileo mais collorido e aromatico é composto de *pétalas* e se appellida *corolla*, nem umas tantas coisas mais que não servem senão de experimentar a inquieta paciencia das senhoras.

Agora do que não podemos prescindir, é de ficarmos sabendo que além dos dois involucros floraes, um verde e envolvente, e o outro que é rosado como as lindas faces de uma ingenua de quinze annos, ha mais duas partes distinctissimas, nas flores a que os botanicos chamam *complectas*, como a flor do goivo, as quaes tem em si todos os elementos da procreação da sua innocente descendencia, porque as flores — não façamos mysterio de uma coisa tão propria do conhecimento das senhoras — as flores tambem se amam, tambem procriam.

Ha pois, mais dois verticilios distinctos nas flores complectas, como iamoz dizendo, para os quaes os botanicos inventaram mais dois nomes, já se vê, o de *gymneceu* para o verticilio central e que não é senão aquella decantada urnasinha da rosa, cujos filetes da corôa terminam pelos delicados corposinhos que se denominam *estames*, e o nome de *androceu* a um ultimo verticilio que apparece situado, nas flores onde existe, entre o antecedente e a corolla, composto de extensos filetes, no apice dos quaes se baloçam umas bocetasitas chamadas *antheras*, nome que a leitora já ouviu pronunciar repetidas vezes, se tem algum irmão estudante de botanica. Nada mais temos a acrescentar á nossa excursão scientifica, senão que a urna que já conhecemos sob o titulo de *gymneceu*, é cavada no interior, e que a sua cavidade ou cavidades contiguas, se denominam conjunctamente pelo nome muito simples de *ovario*. Este ultimo é que é um nome bem intelligivel, pois que nas paredes da cavidade a que elle pertence, implantam-se com effeito uns tenuissimos órgãosinhos que não haverá duvida nenhuma em chamar-se-lhes *ovulos*, por quanto são elles que, depois das flores consumarem seus mysteriosos e

innocentes affectos, se tomam na semente que ha-de produzir a arvore, por consequencia vindouras florescencias.

Posto isto, retrocedamos ao fio da comparação que nos propozemos seguir. A primeira coincidencia que a leitora observa, é que, salvo ligeiras excepções como a da rosa de todo o anno, muitas mais como a da pascoinha, e a excepção das aves que se travam de amores extemporaneamente, os ninhos não apparecem senão quando apparecem as flores. Vem a sagrada Primavera, e desabrocham as duas poeticas novidades.

Então na mesma arvore, no ponto onde um ramo se bifurcou, lá está a instinctiva urdidura de um ninho, escondida no seio da folhagem, ao mesmo tempo que cada ramusculo da arvore ou sustenta uma simples flor ou um cacho de flores. São pois, os ninhos e ás flores gemeos filhos da Primavera. Mas vejamos como esta maior similhança, ainda fica mais consumada.

Os involucros floraes abrigam o *ovario* do frio, ajudando-se das carpellas, e o ninho abriga os proprios ovos da amorosa avesita que alli os depoz á mercê do seu conchego e dos dictames do destino. Sobre as flores dá o sol, cujo calor e luz lhes estimula a viveza da côr, a preciosidade dos perfumes, e a intima maturação; — que o sol senão existisse acabava-se a vida — dentro do ninho dá o calor da mãe, e o carinho das mães é tambem a luz e o calor de um sol, mas do sol dos affectos.

Cãem depois as folhas das arvores, rompem-se os ovarios, e as sementes já pódem propagar-se: exactamente o que aconteceu aos ninhos: rompeu-se o seu tecido, saíram do interior d'elle noveis avesitas que já revolúteiam pelos ares, e que na primavera seguinte, bem como as sementes das flores, hão-de germinar, para apparecerem outros ninhos, e por ventura outras flores.

De um osculo mysterioso entre as *astheras* e os *estames*, consumação unica dos consorcios que se celebram no leito das *pétalas*, surtio mais tarde uma flor; de um gentil arrastamento de asitas, surtio o idolatrada ninho. As flores derramam perfumes, os ninhos derramam chilreas. As flores tem *ovarios* como as aves e muitos outros animaes; mas os ninhos, pelo menos, são os involucros floraes não direi de um *ovario*, mas de um doce remanso onde os ovos amadurecem como as sementes no interior da flor.

Os ninhos são urdidos com os mesmos elementos das flores. A *petala* sacudida pelo vento, vem a tombar na terra, e o passaro levou-a no bico e foi construir outra malha no seu ninho.

A primeira chuva do outono desfolhou a ultima flor, já sêca, e o ultimo ninho já abandonado.

Quando os ovarios das flores tem a sua *indehiscencia*, isto é, quando se descozem, vôm as sementes nas azas da briza, bem como os noveis passaros trespaçam o ar ensaiando as suas asitas, logo que o ninho amadurecido, lhes deu a doce liberdade. Vê-se, pois, que existe essa *sympathia*

que presuppomos entre os dois objectos da nossa comparação; mas, far-me-ha v. ex.<sup>a</sup> a seguinte ponderação, a qual não vem fóra de tempo: — os ninhos não tem estames, nem tem antheras, não tem distincção de folhas; são construidos indistinctamente de folbitas sêcas, de *gavinhas*, de *nervuras*. Eu sei! — Pois sei eu, erudita leitora.

E já agora, vae v. ex.<sup>a</sup> saber tudo tambem.

O ovario das flores, a nossa celebre urna, é constituído por folhas chamadas *carpellas*, que se unem pelos bordos prolongando estes mais ou menos interiormente para fecharem uma ou mais cavidades, isto é para fecharem um ovario que se chamará *uni* ou *multilocular*. Ora: assim como este órgão, todos os outros das flores são formados tambem de folhas, variamente modificadas nas formas e na côr, bem como a *gavinha* é tambem uma simples folha *abrotada*: isto é, os estames e as antheras são folhas como as *carpellas* e como os outros órgãos appendiculares das plantas. Sirvam de exemplo as flores dobradas, o cravo, a rosa, cuja multiplicidade de petalas não é senão apparente, e provem de um *desdobramento* ou expansão dos estames, que se conhece quando mais não seja pela falta de symetria na disposição dos verticilios cujas peças deixam de alternar: para prova do que, os estames desapparecem, quando as flores se apresentam assim, tão agradavelmente desfiguradas.

Já vê v. ex.<sup>a</sup> que os elementos das flores só são distinctos apparentemente por accidentes secundarios, e os ninhos não constam senão de órgãos appendiculares, folliaccos como elles.

Confesso-lhe agora que a explicação que acabo de expôr, da identidade das folhas, peciolo e gavinhas, passa como um dos mais bellos principios em morphologia vegetal!

Saiba tambem que a demonstração d'este principio foi devida primeiramente a um nosso compatriota, o abbade Corrêa de Serra, que viveu ainda n'este seculo; eminente botanico, e litterato a um tempo, com os quaes predicados viajou por todo o mundo publicando meretissimas obras, em honra sua e da sua patria. E diga-me, no fim de tudo, que os ninhos e as flores não são compostos de folhas?

Chamam-se *nervuras* aquelles cordões brancos que serpeam geralmente em rede, dividindo o *limbo* das folhas; e se a leitora imaginar a *nervura mediana* de uma folha, isolada do limbo, ahi tem a imagem de uma pequena *gavinha*, que é um órgão muito frequente nas vinhas, o qual entre as parras verdeja graciosamente enrolado em forma de espiral.

Mas que espectáculo tão grato á contemplação, tão vivo, tão puro, é uma extensissima campina bordada de malmequeres e papoulas, sobre a qual se nos afigura ao longe, ter caído uma chuva de estrellas! Foi sob esta visão que escrevi o presente artigo para offerecer a v. ex.<sup>a</sup> Tão escondidos na espessura de um festão de malmequeres estavam alguns ninhos de pintasilgos, e ouvia-se d'alli o prantear de uns brandosxilreos, mistura-

do com o mais doce perfume silvestre, mas de tal modo, que nem se poderia discernir se eram as flores que cantavam ao mesmo tempo que esparziam aromas, ou acaso, se havia alli duas coisas distinctaas: flores e ninhos.

22 de abril de 1867.

J. M. GALHARDO.

## O CEMITERIO DA MAGDALENA EM FRANÇA

Sepultaram no cemiterio da Magdalena, rua d'Anjou: 1.º as pessoas que pereceram no desastre de 30 maio de 1771, quando teve logar o fogo de artificio por occasião dos festejos do casamento de Luiz XVI; 2.º os suissos e os marseheses mortos em 10 de agosto de 1792; 3.º finalmente o proprio rei e a rainha Maria Yntonieta, executados na praça da Revolução.

Foi n'este terreno que se edificou uma capella sepulchral, sob os desenhos de Mrs. Percier et Fontaine.

## DOS HOMENS QUE COMEM TERRA

(Continuado de pag. 65)

### III

Qual a explicação d'este facto anomalo e anharmonico com todas as leis da physiologia, ainda a sciencia não a disse.

Que o homem come da terra, que todas as industrias d'ella provém, que a civilisação, as riquezas e as fruições não têm outra causa, coisa é de si natural, e conforme com os eternos principios do equilibrio universal.

Mas que o homem se alimente não da terra, mas sim de terra; que não coma da terra, senão terra extreme, phenomeno é este que não tem explicação.

Como é que o homem pôde conservar e manter a vida, sem introduzir no organismo principios nutritivos?

Como é que o homem descreve o cyclo vital comendo uma substancia inerte, a negação por excellencia do alimento, conforme o define a sciencia?

Como é que, sem alimentação, se restauram as forças, se renovam os tecidos, se aviventa o corpo, se vivifica o sangue, se obvia a todas as perdas quotidianas, se cobre o desfalque constante e perpetuo?

D'onde vem o carvão, que dá calor ao corpo, queimando-se nos pulmões, em contacto com o oxigeno do ar?

D'onde vem o alimento plastico, que gera os musculos, renova os globulos do sangue.

D'onde vem o phosphoro para o encephalo?

D'onde vem a cal para os ossos?

D'onde vem o azote, o hydrogeneo?

A sciencia não sabe responder a estas perguntas e os otomaks, assim como todos os homens, que se alimentam de terra, são ainda hoje um problema vivo.

E, todavia, abundam as explicações... que não explicam.

Dizem uns physiologistas que os otomaks misturam folhas diversas com o barro, assim como os habitantes do septentrião da Europa misturam serradura de madeira com a farinha de cevada.

É errônea e infundada esta opinião, como demonstrou Humboldt, que viu, examinou e observou a maneira porque os selvagens fazem os bolos, para os comerem passado tempo.

Afirmam outros physiologistas que a argila encerrava materias animaes, como infusorios fósseis, ou outros restos das faunes antigas e obliteradas.

Ainda d'esta vez claudicaram os sabios, e a analyse chimica, rigorosa e conscienciosa, feita na Europa em alguns bolos trazidos por Humboldt e outros viajantes, mostrou evidentemente que a argila não continha uma só parcella, por minima que fosse, de materia animal.

Não pararam aqui os alvitristas, e o doutor Zimmermann é de opinião, que o barro ingerido pelos selvagens serve-lhes apenas de lastro, formando um dessipimento entre as paredes do estomago, ou antes, um meio mechanico para separar as paredes do orgão da digestão, «de sorte, diz Zimmermann, que ellas não se toquem durante o movimento peristaltico, porque é este movimento, que produz a sensação da fome, e em seguida, pela prosequção do attrito a dôr crudelissima e funesta, que acaba por matar o infeliz privado dos meios de subsistencia.»

Rasão tem o esclarecido doutor Zimmermann, em escrever estas linhas, mas o phenomeno não fica explicado.

Como é que a substancia inerte, introduzida no organismo, pôde gerar vida?

O barro, que é principal alimento dos otomaks, não contém quantidade assignalavel de materia organica. A analyse chimica rigorosa assim o diz.

A argila é extreme e pura de qualquer substancia nutritiva, e até de gordura de crocodilo, que, conforme alguns naturalistas, devia encontrar-se no barro.

Como é, pois, repetimos, que os otomaks podem viver?

Convém notar aqui, que nos homens dos tropicos, ha uma natural e doentia propensão para comerem terra. São especialmente os negros muito attreitos a esta doença. Na Africa abundam os geophagos, assim como nos Estados-Unidos, dès que o trafico da escravaria levou para aquellas paragens milhares de negros.

Nas povoações ruraes da Europa é costumeira antiga, e muito racional entre os camponios, comerem terras alcalinas, como a cal, a cre, etc., para neutralisarem a acidez do estomago.

Os negros, porém, escolhem uma especie de barro, que tem um cheiro forte, pronunciado e *sui generis*, e que elles comem com delicias.

É tal a propensão dos negros para esta fatal doença que, costumando as negras construir recipientes de argila, por mandado dos feitores, comem barro ás mãos cheias.

As vezes é necessario prender as creanças, que após as chuvas, correm pelos campos na apanha de argila molle, que devoram com soffreguidão.

Na Africa comem os pretos uma terra amarella argilosa, á qual chamam *kanak*, e transportados para a America, buscam uma argila semelhante.

Assim como os otomaks, os guaraunos e os africanos, tambem os habitantes da Nova-Caledonia e ilhas adjacentes comem terra.

A miseria, a fome e a pobreza na Nova-Caledonia são extremas. Os habitantes vivem em tor-

pissima crapula, e, dentro em pouco, dizimados pela carencia absoluta de industria, morrerão todos á miseria.

Estes, porém, não comem barro, mas sim uma steatite terra e friavel, que contém grande quantidade de substancia mineral.

Entre os malaios existe tambem o véso de comer terra. Os jáus, de condição pobre e miseravel, alimentam-se de uma certa terra, que contém uma quantidade infinita de animalculos fluviatis, que a tornam algum tanto nutriente.

Difficilmente se explica este costume, porque os jáus são naturalmente industriosos e possuem um commercio extenso nas costas do Pacifico.

Em algumas épocas de horrenda fome tambem na Europa se espalhou o costume de comer terra, contendo infusorios.

A farinha fossil, composta de zoophytos, era misturada com a farinha do pão, durante a terrivel guerra dos trinta annos, que assolou e talou a Allemanha, e em especial a Pomerania e a Lusacia.

Ainda hoje, no norte da Europa, na Suecia Noruega, e Zetlandia, em todas as ilhas norricas, entre os lapões e os samoyedes, é uso misturar a terra de infusorios com a farinha de cevada e a serradura de madeira.

Todos estes factos, porém, não se assemelham ao que se passa nas margens do Orenoco, cujos habitantes, privados de toda a industria, ignorando os processos mais rudes e primordiaes da agricultura, vivendo em terrenos alagadiços e pantanosos, vêem-se na miserrima necessidade de comer argila pura. Impellidos pela fome, instados pelos rebates insoffridos do estomago, falhos de qualquer alimento animal ou vegetal, imersos na mais profunda barbarie, obram um verdadeiro prodigio, desafiam as leis da natureza, e reagindo contra a fome, alimentam-se por um milagre, por uma aberração, por uma excepção monstruosa!

O seu alimento é a negação do alimento!

O seu viver é o absurdo permanente!

No que lhes devia de ser morte, encontram elles vida, se vida é uma serie de privações, a indigencia perpetua, a fome por fiel companheira, a ausencia de toda a industria, a ignorancia completamente de cultura, a mais trêda e profunda barbarie.

E assim é que as raças primitivas da America vão acabando e definhando se, victimas da indolencia!

Assim é que a raça caucassia domina quasi todo o vasto continente americano, assim como já reduziu a total estrago as raças polynesicas.

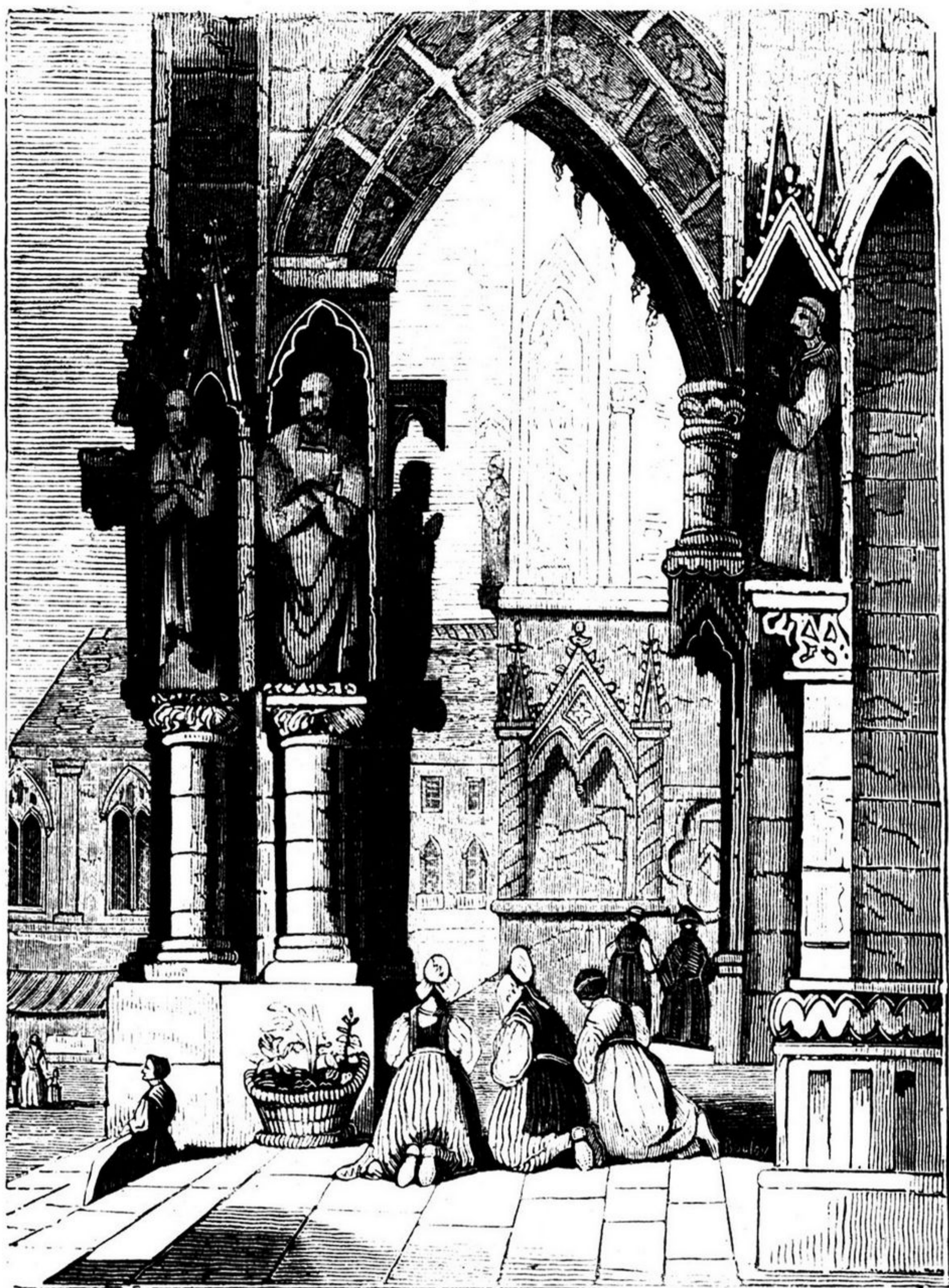
A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

### RUINAS DO CASTELLO DE BEAUMARIS

O castello de Beaumaris, em Inglaterra, edificado por Eduardo I, foi destruido por Cromwel. As suas ruinas cobrem uma area de quatrocentos e cincoenta metros.

Visto que os homens são pela maior parte falsos, inconstantes ou fracos, a boa fé carece de caução. A melhor é a religião, após ella vem a honra e depois o habito de fazer bem.

DE LÉVIS.



Vista do portico da cathedral de Ratisbonne

Ratisbonne deve provavelmente fazer recordar aos nossos leitores a celebre batalha que se deu, durante cinco dias, entre os francezes e austriacos, proximo das muralhas d'esta cidade, batalha em que Napoleão foi ferido ligeiramente no calcanhar do pé direito, por uma bala quasi fria. Este successo forneceu a um pintor do imperio, assumpto para um quadro, cuja gravura e lithographia foram reproduzidos ao infinito. O qua-

dro representa o imperador, com um pé no estribo, segurando com a mão esquerda as redeas e as crinas e como impaciente de montar a cavallo, enquanto que os cirurgiões se apressam em pensar a ferida. Era em abril de 1809, depois da victoria d'Eckmull. O exercito francez tinha avançado para tomar Ratisbonne; os austriacos apresentaram-se para defender esta praça, a qual foi atacada pelos francezes e to-

mada de assalto. A victoria d'esta vez foi cruel: todo o que resistio foi passado á espada e o numero dos prisioneiros elevou-se a oito mil. Ratisbonne soffreu muito n'esta lucta; um consideravel numero de casas foram incendiadas, e a perda elevou-se a 1,500.000 florins. Um monumento, elevado no anno precedente, á memoria do grande Copernic, morto em 1630, em Ratisbonne, escapou como por milagre á destruição: de toda a chuva de ballas que destruiu os edificios nem uma lhe tocou; parecia, diziam os habitantes de Ratisbonne, respeitar a memoria do celebre astronomo, que teve a gloria de dar o seu nome ao systema do mundo, que se segue nos nossos dias.

Este successo do ferimento de Napoleão está bem longe de merecer o primeiro logar entre os que menciona a historia de Ratisbonne. Poderiamos lembrar o supplicio dos dois ecclesiasticos que ousaram queimar a sentença do Concilio de Constança contra João Huss, os quaes expiaram na fogueira a sua audacia, e cento e vinte e quatro annos depois, em 1542, a população de Ratisbonne, separada em grande parte da igreja romana, collocou-os solennemente entre o numero dos martyres. Poderiamos mencionar tambem o nascimento de um-dos homens mais notaveis do seculo XV, D. João d'Austria, filho de Charles-Quint, que ganhou contra os turcos a batalha de Lepante, que manteve os Paizes-Baixos sob o imperio de Hespanha, e morreu envenenado por ordem de seu irmão Philippe II, porque este tyranno, desconfiado, temeu que elle se declarasse soberano de Flandre.

Numerosas eitações historicas, que offerecem um vivo interesse, poderiam juntar-se ás já referidas; em vista, porém, do acanhado espaço de que dispomos, limitamo-nos a dizer aos nossos leitores que Ratisbonne foi, desde 1662, a sede da dieta do imperio, e quando fundaram o grande ducado de Francfort, esta cidade e o seu territorio, foram comprehendidos nos estados da Baviera.

Entre as construcções mais importantes de Ratisbonne, nota-se a famosa ponte de quinze arcos sobre o Danubio, que tem 1,091 pés de comprimento, o bello castello do principê da Torre e Taxis, o edificio da camara, onde se reunia a dieta germanica, e a igreja cathedral, cuja construcção remonta ao primeiro anno do seculo XV. É o portico d'esta cathedral que a nossa gravura representa.

Ratisbonne possui numerosos estabelecimentos de instrucção, bellas colleções scientificas, uma rica galeria de quadros e preciosas bibliothecas, que muitos viajantes curiosos tem admirado.

Como muitas cidades da Allemanha, Ratisbonne tem ruas estreitas e tortuosas, mas muito limpas e bem calçadas. As casas são muito altas e construidas ao gosto allemão. Antes do meiado do seculo XV, quasi todas as edificações d'esta cidade eram de madeira; mas por isso, por sete vezes, antes d'aquella época, esteve em risco de ficar reduzida a cinzas. Ratisbonne conta hoje perto de trinta mil habitantes e é cercada de muralhas sem fortificações.

Do outro lado do rio está a cidade da corte (*Stadt-am-Hoff*), que póde considerar-se como um arrabalde de Ratisbonne, á qual está unida por uma ponte. *Stadt-am-Hoff*, tem, pouco mais ou

menos, mil e quinhentos habitantes, e deve á destruição quasi completa, que soffreu em 1809, o ter sido reedificada com mais elegancia e solidiez que d'antes tinha.

#### VIAGEM SOBRE UM FRAGMENTO DE GELO

Um cossaco do mar Negro, chamado João Potapenko, da aldeia de Grivenhoe, que vivia com uns pescadores proximo d'Archouwie, n'um dia em que o gelo parecia mais solido, foi examinar as redes, que estavam estendidas a um quarto de legoa da costa, quando repentinamente se apercebeu de que o gelo sobre que estava se havia separado e que vogava com rapidez á tona d'agua. Não vendo meio algum de salvacão resignou-se com a sua desventura, passando seis dias na cruel alternativa entre a vida e a morte, e apesar de ter consigo um bocado de pão, era tal a repugnancia a tomar alimento que não o comeu, e só mitigou a sede que o devorava, bebendo agua de chuva, que se depositára nas fendas do gelo, que lhe servio de batel, tanto a seu pesar. Estava bem enroupado por isso que não sentio muito frio; dormio pouco e isso mesmo sentado sobre o gelo. Ao selimo dia descobriu uma costa escarpada de que felizmente se aproximou; mas era tal o seu estado de abatimento que a cada passo caía desfallecido e só ao nono dia conseguiu alcançar a margem do rio. Achou-se perto do cabo de Casandif, entre Kertch e Arabat. Conduziram-o a Theodosia, onde se restabeleceu facilmente, e em seguida a Kertch. Tinha percorrido em oito dias trinta e nove legoas!

#### DA MARINHA A VAPOR PORTUGUEZA, TANTO DE GUERRA, COMO MERCANTE

Nunca Portugal teve tantos navios movidos a vapor, como actualmente; mas, longe de termos os precisos, os indispensaveis, estamos n'uma penuria tal, que não nos podemos comparar n'este ponto com alguma nação.

#### MARINHA MERCANTE

Este genero de marinha, por muitas e variadas causas, nunca poude fazer progressos em Portugal. E quasi todas as emprezas têm dado prejuizos enormes a seus associados. Em 1825 havia já um serviço feito pelo vapor *Restaurador Lusitano* entre Lisboa e Porto. Em 1833 e 1834 andavam a serviço de D. Pedro, entre estas duas cidades, alguns vapores inglezes, entre os quaes *City of Edimburg*, *London Merchant*, *William the fourth*, *Countz Pembroke* e outros, que chegaram a 7. Mais tarde estabeleceu-se n'esta ultima cidade uma companhia com dois vapores — o *Porto* e a *Quinta do Vesuvio* — que por alguns annos fizeram viagens entre as duas cidades principaes do reino. O *Porto* naufragou na barra da cidade d'este nome em 1852, e a companhia mandou fazer na Inglaterra um novo barco — o *Cysne* — que depois de duas, ou tres viagens, tambem naufragou na mesma barra. Ficou a companhia só com o *Vesuvio*, que fazendo suas viagens em 24 horas, e não podendo rivalisar com o *Duque do Porto*, pertencente á companhia Luso-Brazileira, que começou a trabalhar em 1853, e com o *D. Pedro V* (antigo *Falcão*, que tendo sido mandado vir de Inglaterr-

ra, para fazer viagens entre Lisboa e Porto, e tendo estado por annos sem trabalhar, fez algumas viagens por este tempo entre as duas cidades, mas não dando interesses, foi vendido para o Brazil, onde naufragou), soffreu por isso grandes prejuizos, e liquidou vendendo o *Vesurio*. O comprador d'este barco mandou-o para Inglaterra concertar, mas, por essa occasião, acharam-no em estado tal, que não pode ter concerto. O vapor *Duque do Porto* navegou por alguns annos, mas, por fim, tornado ronco, já não podia competir com o *Lusitania*, vapor da nova companhia Lusitania, o melhor barco que no seu genero tem havido em Portugal, chegando a fazer viagens entre as duas cidades em 10 horas! A companhia Luso-Brazileira, como todos sabem, teve um fim desgraçado, e o vapor *Duque do Porto*, foi comprado pelo sr. Anderson, negociante dinamarquez estabelecido no Porto, e depois de algumas viagens irregulares, naufragou nas Berlengas. Actualmente esta navegação não póde sustentar carreiras regulares por causa da via ferrea, que une as duas cidades.

A navegação para o Algarve tambem foi tentada por uma companhia, que comprou o *D. Fernando* na Inglaterra, vapor velhissimo, que depois d'um insignificante trabalho, e de dar grandes prejuizos, foi desmanchado no Atterro da Boa Vista, em Lisboa, em 1862.

Seguiu-se a infeliz companhia União Mercantil, que estabeleceu carreiras para os differentes portos do Algarve. O governo portuguez regateou sempre os subsidios a esta companhia; e tambem por causa da compra de máos barcos, e por má administração, teve finalmente de falir. Possui para esta carreira um celebre *Tejo*, comprado tambem na Inglaterra (paiz que sempre enviou para Portugal os barcos inúteis: mas por culpa dos compradores) do qual todos ainda se lembram, a vergonha dos vapores. Além d'este teve o *Algarve*, que prestou um serviço soffrível. Actualmente é feito pela companhia Lusitana, que habilmente se aproveitou dos vapores da União Mercantil, inutilizando apenas o *Estephania*, que foi desmanchado na Junqueira, em 1867.

De navegação para os portos de Setubal, Figueira, Aveiro e Vianna algumas tentativas se fizeram, mas sempre com máo resultado. O vapor *Torre de Belem*, mandado vir pelo sr. Burnay, apenas pode fazer duas ou tres viagens. E o mesmo succedeu em épocas mais remotas com o vapor *Condessa de Farrobo*, que navegou para a Figueira.

O sr. Burnay foi tambem infeliz com os seus vapores de reboques que por duas vezes estabeleceu no Tejo. Chegou a ter dois barcos para este fim, o *Torre de Belem* e o *Vasco da Gama*, em 1865: mas teve de se deixar d'uma empresa, que não dava, senão prejuizos, por isso que n'este rio mui poucas vezes é necessario um rebocador. Este serviço é actualmente feito pelo *Formiga*, vapor pertencente a um inglez.

A companhia de reboques, estabelecida no Porto, tem tido uma carreira prospera. Principiou com o *Foz do Douro*, comprou ao sr. Burnay mais tarde o *Mendes Leal*, e trata já de adquirir outro. Esta companhia tem dado bons interesses.

Ha tambem um vapor rebocador em Villa Real de Santo Antonio — o *Isabel* — para rebocar os navios que vão carregar minerio a Pomerão.

Os vapores fluviaes tambem não têm dado interesses no nosso paiz. A mais importante companhia, a do Tejo, apesar de ser muito antiga, pois já em 1833 annunciava viagens para Villa Franca, e de chegar a ter seis barcos, de ter affluencia de passageiros, e de tocar em pontos importantes, teve sempre uma vida rachitica. Os melhores barcos que possui — o *Almansor* e o *Camões* — gastam uma hora em atravessar o Tejo, ao passo que os novos da companhia do caminho de ferro do sul gastam 10 ou 15 minutos! Esta companhia acha-se reduzida ás carreiras de Cacilhas, Barreiro e Seixal.

Estabeleceu-se uma companhia em Caminha para fazer viagens entre este porto e Valença pelo rio Minho. Mas o unico vapor que possuiu, o *Rio Minho*, apesar do subsidio do governo, teve de suspender.

A carreira do Brazil foi tentada pela Companhia Luso-Brazileira com dois excellentes barcos — o *D. Maria II* e o *D. Pedro* — que actualmente servem como navios de guerra na marinha italiana. Ainda hoje é problema, ou, para melhor dizer, pasto das más linguas, o motivo porque esta companhia succumbiu, apesar da grande affluencia de carga e de passageiros.

Veio mais tarde outra, no geral composta de inglezes, e que tinha tres bellos vapores — o *Portugal* e o *Milford Haven* e o *Brazil*, mas tambem não pode continuar. Actualmente não ha empreza em Portugal para o indicado fim, por saírem do Tejo mensalmente para os portos do Brazil vapores de duas companhias inglezas e d'uma franceza. Uma ou outra viagem se tem feito n'outros vapores, como o *Amazona* e o *Lusitania*, mas sem fórma alguma regular.

A navegação para a Madeira foi feita por algum tempo pelo vapor *Visconde d'Atouguia*, não podendo, porém, continuar, foi o vapor mandado para Inglaterra, d'onde tinha vindo.

O *Amazona* era um barco americano que, vindo a Lisboa, foi penhorado por alguns negociantes, e depois vendido para o Brazil, que tambem é um despejadouro de barcos velhos.

Esta é a historia resumida das companhias de barcos a vapor estabelecidas em Portugal, e para não prolongar mais este artigo apresentarei a lista dos barcos dirigidos por tal motor no dia de hoje em serviço n'este paiz.

(Continua)

M. BERNARDES BRANCO.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

**Os quadros cambiantes**, por Candido de Figueiredo. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1867.

É uma das difficeis cousas do mundo litterario a escolha do titulo de um livro: mais de um author tem naufragado n'este mar, que pareceria ser sempre bonançoso.

Confesso que ao ler pela primeira vez o titulo, que o sr. Candido de Figueiredo pôz ás suas poesias, scismei um pouco sobre o que seria essa entidade poetica — *Quadros cambiantes*.

Quadros de furtacões, quadros que reflectem varias côres... não entendo, dizia eu comigo.

Abri o livro ao acaso; li alguns versos; soaram-me bem; e desde logo conjecturei que o poeta era homem de dar razão do seu dito.

Em uma carta que o poeta escreve a um seu amigo carissimo, e que precede as poesias, se me

deparou a seguinte e satisfactoria explicação: «... hei esboçado alguns quadros que, em vista da multiplicidade de impressões, não podiam deixar de ser *cambiantes*: coisas do céu e coisas da terra, sorrisos e lagrimas, esperanças e desalentos, alegrias e decepções não só proprias senão também alheias.»

Puz-me a ler de assentada as poesias do sr. Candido de Figueiredo, e reconheci que em verdade cantou elle as coisas do céu e da terra; ora foi religioso, ora mundano, — e se eu não receiasse ser interpretado em ruim sentido, diria: misturou o sagrado com o profano.

A primeira poesia intitula-se: *DEUS*. É toda repassada dos pensamentos e imagens dos Psalmos de David, e, em geral, dos livros santos:

Quem tiver olhos veja, oíça quem tem ouvidos:  
escute a voz da terra, unida á voz dos ceus;  
contemple o grande e o bom e o bello, confundidos  
no incomprehensível Ser, no Ser dos seres — Deus!

O crente, a quem a luz no intimo peito brilha,  
a vista erguendo acima e olhando em derredor,  
abisma-se no mar de tanta maravilha,  
confessa e louva e canta o nome do Senhor.  
etc.

A proposito dos — *Ephemeros* — do sr. Gomes de Amorim, apresenta o sr. Candido de Figueiredo bellos rasgos de imaginação, poeticamente exprimidos. Devo, porém, assignalar á sua correcção a seguinte passagem:

Como esses que da desgraça  
os golpes experimentaram,  
e tristes cantos soltaram,  
ao sorrir da população.

As composições graves do sr. Candido de Figueiredo agradam-me mais do que as joco-sérias. Assim, a poesia que se intitula: *Helena*, e tem por epigrapha: *Femina cosa mobil per natura*, pareceu-me apresentar algumas expressões e pensamentos menos accitaveis:

O caso é que em segredo  
Theseu a leva um dia, e o pobre esposo  
fica a chuchar no dedo.

.....  
Eu vejo ahí as formosas,  
— sem excepção de nenhuma —  
adoradas . . . , caprichosas . . . ,  
mas enforcadas, *nenhum* huma!

Nas composições graves tem algumas excellentes passagens que revelam um poeta esperançoso. A poesia intitulada: *Sombras*, embora comece em tom menos adequado:

Vai a gente vivendo neste mundo  
como o baixel sem rumo no oceano,  
até que enfim um dia desça ao fundo  
misterios d'alem tumulo a sondar;

corre admiravelmente, desde que o poeta afina a sua lyra; e então, solta accentos suaves, taes como estes:

Ás horas do crepusculo,  
quando desmaia o dia  
e, sol, involto em purpura,  
um triste adeus envia;

e quando alem suspira

a brisa; e a luz da lua  
no campa fria e nua  
da cruz a sombra estira;

quando o cipreste tremulo,  
das auras sacudido,  
entorna sobre os tumulos  
um canto dolorido:

irei verter meu pranto,  
soltar tristes endeixas  
e do cipreste ás queixas  
irei casar meu pranto.

Na lápide marmorea  
á noite a sós prostrado,  
segredarei aos tumulos  
meu canto magoado,

que ao ceu subtil bando  
das auras, erguer hade  
as vozes da saudade  
no espaço murmurando.

A poesia — *A Providencia dos Pobres* — tem um outro verso menos agradável, como por exemplo:

Na rua uma criança ia passando então;

mas apresenta pela maior parte bellos rasgos, e faz grande honra á sensibilidade do poeta:

Leonor vê a criança, e as lagrimas em fio  
rompem os olhos seus.

Dentro de pouco, o frio  
nos membros da criança não tremia já:  
Leonor dá-lhe agasalho, e lume e pão lhe dá.  
Mas era pouco: despe as sedas da opulencia,  
e faz da sua casa asilo da indigencia!

Consolo, amparo e mãi desses que a sorte fez  
herdeiros só do mal, dizia muita vez:  
«Meus filhos, quando o Bem nos foge nesta vida,  
devemos esperar na terra promettida:»

.....  
E o anjo da pobreza, abrindo os braços seus,  
ao peito conchegava o filho do indigente,  
dava-lhe do seu pão, beijava-o ternamente,  
cingia-lhe ao corpinho as sedas que vestio,  
sorria como nunca a terna mãi sorrio!  
Depois, meiga e cuidosa a pallida enfermeira,  
ia-se recostar do enfermo á cabeceira,  
levando á dôr alivio, á fome pão e amor.

Aqui nada tem que fazer o espirito; o coração enternecido, e as lagrimas que involuntariamente assomam aos olhos, abonam a phantasia do poeta.

— Requeriam mais dilatado exame os *Quadros Cambiantes*; mas falta-me o tempo, e tambem me falta o espaço para escriptura n'este seminario.

Concluirei, dizendo que folgaria muito de ser poeta, como o sr. Candido de Figueiredo se apresenta pela primeira vez; mas, n'esse caso, não folgaria menos de encontrar um homem sincero, que me incitasse com os seus reparos á melhoria, ao progressivo aperfeiçoamento.

Lisboa, 30 de janeiro de 1868. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

#### PARA LIMPAR QUADROS AFFUMADOS

Esfregue-se o quadro com uma brocha molhada em agua de sabão, e depois lave-se com agua simples.